

DENISE ROTHENBURG
deniserothenburg.df@dabr.com.br

Imagem é tudo

As cenas do presidente Jair Bolsonaro passeando de jet ski enquanto milhares de brasileiros sofrem com as chuvas já estão de posse de seus adversários, prontas para serem usadas, daqui a alguns meses, na campanha eleitoral. Sabe como é: a memória das pessoas é curta, mas a das redes sociais, não. Haja vista a coleção de vídeos, também já coletados por muitos, de Geraldo Alckmin criticando Lula.

Força-tarefa na Bahia I

Para compensar o estrago, os ministros do Desenvolvimento Regional, Rogério Marinho; da Cidadania, João Roma; da Saúde, Marcelo Queiroga; e dos Direitos Humanos, Damarens Alves, passam essa temporada nas áreas atingidas pelas chuvas, em reuniões com prefeitos. Esta semana, por exemplo, Marinho dispensou o motorista e foi dirigindo o próprio carro. A cena, inédita por ali, deixou muita gente boquiaberta com a simplicidade da equipe.

Força-tarefa na Bahia II

Os ministros fizeram sua parte, e Bolsonaro pode ficar rouco de dizer que, da praia, orientava seu time a atender as demandas das prefeituras. Só tem um probleminha: a imagem do passeio presidencial, quando confrontada com a da tragédia provocada pelas chuvas, é mais forte do que qualquer explicação. Aliás, em política, quando o sujeito precisa se explicar é sinal de que não está perfeito nem a contento.

E as vacinas, hein?

Crianças brasileiras que passam as festas de fim de ano visitando familiares nos Estados Unidos aproveitam para tomar a vacina contra a covid-19. Enquanto isso, por aqui, o governo não se move. Em conversas reservadas, a explicação não é a incerteza sobre os imunizantes e, sim, sobre o Orçamento da União. Há quem diga que não há recursos para encomendar essas doses.

O maior desafio para o próximo presidente

Os juristas não têm mais dúvidas. Seja quem for o próximo presidente da República, a primeira grande missão será conseguir recuperar o poder da gestão orçamentária dos investimentos. É que, hoje, além de escassos, os recursos foram sequestrados pelo Congresso. As tais emendas do relator tiraram do Poder Executivo a capacidade de elencar prioridades e sacaram das mãos do presidente a possibilidade de direcionar verbas para conclusão de obras ou cumprimento de promessas de campanha. As prioridades quem estabelece é o relator e um pequeno grupo de parlamentares.

Muitos têm dito que, quer Bolsonaro seja reeleito, quer outro nome chegue ao Planalto, será preciso uma repactuação com o Congresso para fazer valer as prioridades de um futuro governo. Para 2022, porém, seguirá essa batida, de dinheiro para poucos indicarem onde será aplicado. Afinal, Bolsonaro, agora no PL, não terá como dizer não aos aliados, tão necessários para replicar a campanha no interior do país. Especialmente, neste momento em que as pesquisas não apresentam um cenário favorável à reeleição e a economia promete abrir o ano recheada de incertezas.



MAURE

CURTIDAS

Ed Alves/CB/D.A. Press - 1/2/21



Olha eles ali outra vez/ O jantar que reuniu Lula e o ex-governador Geraldo Alckmin em São Paulo deixou uma série de recados eleitorais. A presença do presidente do MDB, Baleia Rossi (foto), por exemplo, foi um gesto anotado por todos. No segundo turno, se Lula estiver lá, o MDB vai engrossar a campanha. Ao que um petista respondeu: "Já estão é atrás de ministério".

Por falar em São Paulo.../ A avaliação dos empresários paulistas é de que o PT fazia muito mais oposição nos tempos do presidente Fernando Henrique Cardoso do que faz hoje a Jair Bolsonaro. Isso porque quer "segurar" o adversário para o mano a mano num segundo turno daqui a 10 meses.

Te cuida, Pedro/ A contar pelas conversas reservadas de banqueiros paulistas, o presidente da Caixa Econômica Federal, Pedro Guimarães, terá dificuldade de buscar um grande banco quando deixar o cargo. Tem muita gente na chamada "turma da Faria Lima" meio atravessada com ele.

Foi ruim, mas foi bom/ Os shoppings centers venderam 10% a mais do que em 2020, segundo levantamento da Associação Brasileira de Shoppings Centers (Abrasce), mas ainda ficou 3,5% abaixo de 2019. Os políticos consideram que a culpa, este ano, foi da inflação, que deixou muitas famílias assustadas com os preços. A esperança, agora, são as liquidações de janeiro.

PODER

Até aliados criticam Bolsonaro

A decisão do presidente de continuar em férias em meio à tragédia na Bahia provoca desconforto em apoiadores do governo. Integrantes do Executivo federal saem em defesa do chefe do Planalto e tentam amenizar saraivada de críticas

» RAPHAEL FELICE

Apostura do presidente Jair Bolsonaro de manter as férias em Santa Catarina, enquanto milhares de pessoas sofrem com inundações na Bahia (**leia reportagem na página 5**), tem sido alvo de críticas generalizadas, que incluem até aliados do governo. A hashtag "#BolsonaroVagabundo" está nos trending topics do Twitter desde terça-feira.

A avaliação de apoiadores do presidente é de que ele deveria agir o mais rapidamente possível para diminuir os impactos da tragédia e que a presença dele nas áreas atingidas seria um alento para as vítimas, além de uma demonstração de empatia.

A atitude de Bolsonaro deu ainda mais munição a opositores do governo. O líder da minoria na Câmara, Marcelo Freixo (PSB-RJ), apontou falta de "compaixão" em Bolsonaro. "Não é só omissão e irresponsabilidade, é falta de compaixão e de amor ao próximo. Quase 500 mil pessoas foram afetadas pelas chuvas na Bahia, 20 brasileiros morreram e 77 mil estão desabrigados ou desalojados de suas casas. E onde está o presidente da República?", questionou.

O senador Alessandro Vieira (Cidadania-SE) afirmou que "o problema do Brasil não é ideologia, mas, sim, honestidade e competência". "Bolsonaro me obriga a incluir outro problema: a absoluta falta de respeito e empatia. Só nas ditaduras mais escrotas se viu um governante curtindo férias em meio a uma tragédia nacional", disparou nas redes sociais.

Do outro lado, integrantes do governo saíram em defesa do presidente e tentaram diminuir

o impacto negativo das críticas. Ministros como Fabio Faria (Comunicações), Gilson Machado (Turismo), Marcelo Queiroga (Saúde), Tarcísio de Freitas (Infraestrutura), Anderson Torres (Justiça) e João Roma (Cidadania) enaltecem ações do governo federal nas áreas atingidas. O Ministério da Defesa publicou vídeos em que as Forças Armadas ajudam no resgate de pessoas e na doação de mantimentos para os desabrigados.

Natural da Bahia, Roma agradeceu ao chefe do Executivo e a Queiroga por reforços na saúde pública. "Por determinação do presidente Jair Bolsonaro estamos reforçando as ações do governo nas áreas atingidas pelas chuvas. Sobretudo, é importante redobrar a atenção na questão da saúde pública. Agradeço, portanto, ao ministro Marcelo Queiroga pelo empenho", destacou.

Quatro ministros estão nos municípios impactados pelas chuvas: além de Roma e Queiroga, Rogério Marinho (Desenvolvimento Regional) e Damarens Alves (Mulher, Família e Direitos Humanos). Em entrevista coletiva, Marinho também defendeu o chefe.

"O presidente foi à Bahia e foi criticado. O presidente mandou os ministros e foi criticado. Acho que, se o presidente descobrir a cura do câncer, vai ser criticado", ironizou. Ele fez referência a uma visita de Bolsonaro ao estado cerca de duas semanas atrás, na primeira sequência de temporais, que também devastou municípios.

Na última terça-feira, o chefe do Planalto assinou uma medida provisória destinando R\$ 200 milhões para as áreas atingidas. No entanto, o documento prevê R\$ 80 milhões do montante a estados do Nordeste, o que é

Reprodução/Facebook



Bolsonaro voltou a andar de jet ski em uma praia de Santa Catarina e a causar aglomerações

insuficiente, segundo o governador da Bahia, Rui Costa (PT). O petista está no sul do estado para atender vítimas da catástrofe e alfinetou o presidente da República. "Governar é cuidar de gente e não há como fazer isso longe das pessoas", frisou.

Impacto na eleição

Segundo especialistas, as imagens de Bolsonaro aproveitando as férias, a despeito da tragédia das inundações, serão munição política contra ele. "É claro que a oposição vai utilizar todas essas imagens e, principalmente, a frase do presidente, quando ele diz: 'Espero não ter de retornar ao trabalho antes'", ressaltou

o cientista político Valdir Pucci. "Ou seja, o presidente passa a imagem de não estar se importando com nada no país, com nada que vem acontecendo, como crises econômica, social e política, além desta agora, a humanitária, pela qual passa o estado da Bahia. Não existe opositor maior ao governo Bolsonaro do que o próprio presidente."

André César, sócio da Hold Assessoria Legislativa, lembrou que o desastre natural torna ainda mais catastrófica a crise social vivida no país, agravada pela fome e pela inflação. O especialista destacou que, nas eleições de 1998, a disputa entre Eduardo Azeredo e o ex-presidente Itamar Franco pelo governo de Minas

Gerais teve como fator determinante a diferença nas ações após um temporal no estado.

"Houve uma situação parecida com a que acontece, hoje, na Bahia, antes das eleições. O governador de Minas Gerais na época, Eduardo Azeredo, estava de férias e ia disputar a reeleição contra Itamar Franco. O ex-presidente sobrevoou as áreas atingidas, conversou com a população, e isso foi usado na campanha", comentou. "Pegou muito mal para Azeredo e foi considerado uma das causas da derrota dele para o Itamar naquela eleição. Então, possui valor simbólico, e isso pode ser usado contra o Bolsonaro no próximo pleito."

A confissão de Moro

» BERNARDO LIMA*

Pré-candidato à Presidência, o ex-juiz Sérgio Moro (Podemos) afirmou, ontem, que a Operação Lava-Jato combateu o PT de maneira eficaz e efetiva, mas, em seguida, mudou de tom. Em entrevista à Rádio Capital FM, de Mato Grosso, ele criticava o apoio de parlamentares de seu partido à atual gestão. "Como é que a gente pode defender um governo deste? Com pessoas na fila de ossos? Um governo que foi negligente com as vacinas, que ofende as pessoas, desmantelou o combate à corrupção", reprovou.

O ex-ministro da Justiça do governo Bolsonaro complementou: "Tudo isso por medo do quê? Do PT? Não. Tem gente que combateu o PT na história de uma maneira muito mais efetiva, muito mais eficaz: a Lava -Jato".

Logo depois, porém, Moro reuou e disse que a operação apenas descobriu "os esquemas de corrupção e mostrou o que o PT verdadeiramente é".

Neste ano, o Supremo Tribunal Federal (STF) reconheceu que Moro, então juiz da 13ª Vara Federal, foi parcial ao condenar o ex-presidente Lula (PT) no processo do triplex do Guarujá (SP). A decisão sobre a parcialidade do então magistrado foi estendida às outras ações, que acabaram suspensas, como a do sítio de Atibaia e a do Instituto Lula.

*Estagiário sob supervisão de Cida Barbosa